**Redes editoriais afro-brasileiras: linhagens e procedimentos**

Ana Cláudia Muniz Soares Valério (CEFET-MG)[[1]](#footnote-2)

Luiz Henrique Silva de Oliveira (CEFET-MG)[[2]](#footnote-3)

**Resumo:**

Este trabalho resulta de uma pesquisa no âmbito da iniciação científica realizada no CEFET-MG. Com o objetivo de estudar a trajetória evolutiva do romance afro-brasileiro, é analisado o papel das redes de edição para a consolidação e permanência desta linhagem narrativa em nossa literatura.

Palavras-chave: Redes editoriais; linhagens; procedimentos.

**Abstract:**

This paper is the parcial results of a research in the scientific initiation program of CEFET-MG. Aiming at studying the evolution trajectory of Afro-Brazilian novel, it analyzes the role of editing networks in the consolidation and permanence of this narrative lineage in our literature.

Keywords: editing networks; lineage; procedures.

**1. Palavras iniciais**

Antonio Cândido propõe o conceito de sistema literário, na formação da literatura brasileira, um estudo de investigação do processo de constituição desse sistema no Brasil, sua formação. Cândido procura apontar, em seu livro *Formação da literatura brasileira*, com esse conceito, o surgimento das obras não como fenômeno pontual, expressão individual, mas como um evento de natureza sociológica, relacionado ao contexto social e/ou ideológico em que as obras foram formadas.

Ao tratarmos de apropriações da teoria de Cândido na área de literatura, percebemos, com nossa pesquisa, um processo de inclusão do afrobrasileiro como participante decisivo na formação de nossa literatura, a partir de vários fenômenos sociológicos, as redes editoriais.

O que parece sugerir, então, é que estes fenômenos são relacionados – sistema de obras em torno de uma nacionalidade e formação de grupos de produtores e receptores. Com estabelecimento de formas de produção, circulação e recepção literárias há um período de afirmação da identidade negra, em diversos âmbitos da vida social.

Para Antonio Cândido, além das características internas (língua, temas, imagens), existem elementos de natureza social e psíquica, organizados do ponto de vista cultural, que se manifestam no tempo e no espaço e fazem da literatura aspecto orgânico da civilização. Entre estes elementos, o estudioso defende o tripé “autor, obra, público” para a formação do sistema literário:

a existência de um conjunto de produtores literários, mais ou menos conscientes do seu papel; um conjunto de receptores, fornecendo os diferentes tipos de público, sem os quais a obra não vive; um mecanismo transmissor (de modo geral, uma linguagem, traduzida em estilos) que liga uns a outros. O conjunto dos três elementos dá lugar a um tipo de comunicação inter-humana, a literatura, que aparece, sob este ângulo como sistema simbólico (CANDIDO, 1971, v. 1, p. 23).

Contudo, a considerarmos o tripé proposto por Cândido, notamos que falta ainda destacar mais um elemento, talvez o elemento de ativação desta tríade. Em nossa pesquisa, percebemos que, do ponto de vista da conformação da literatura afro-brasileira, as redes editorias negras cumpriram decisivos papéis, com destaque para: a integração entre produtores e leitores; a criação de meios para a descoberta de autores; a viabilização de publicações de várias ordens; a criação de espaços de fala e reivindicação na cena pública; a formação do público leitor negro; e a garantia de existência de grupos menores, determinadas linhas temáticas e procedimentos literários.

A visão de Cândido adota um critério classificatório, qual seja a constituição da literatura como atividade regular na sociedade, mas o que vemos no âmbito da produção literária dos afrodescendentes (materializada em livros ou não) é a dificuldade de uma continuidade imposta pelo preconceito, pela pobreza, pelos dilemas sociais e pela resistência do mercado editorial em absorver uma produção literária outra e capaz de questionar os pilares da nação. Considerando o sistema literário de Cândido, só se permite afirmar a existência de uma literatura afrobrasileira a partir de *Cadernos Negros*, justamente porque o sistema se estabelece como atividade regular. E como um coletivo oprimido ao longo da história consegue se articular perenemente? Como passar por cima de Estado Novo, ditadura militar e outros momentos autoritários?

Será, justamente, o surgimento dessas redes editoriais específicas que romperá a dificuldade de se ter uma produção regular, por desejo de resgatar a história do povo negro, passando pela memória de luta contra a escravidão, com a denúncia do preconceito e suas consequências, até chegar à discussão do lugar do negro na sociedade de classes, focando em seu valor, sua ancestralidade e com o objetivo fundamental de fornecer educação para essa parcela da sociedade tão prejudicada.

Então, autor, obra e púbico se unem às redes editorias, sejam elas perenes ou não, mas, em conjunto, sempre presente na história brasileira, para que se forme o sistema literário afro-brasileiro, uma organização que não impede o surgimento de obras diversas em toda sociedade.

Por redes de edição, entendemos aqui um conjunto de esforços múltiplos no campo da escrita, os quais viabilizaram espaço para a escrita do sujeito negro. Dentre estas redes, destacamos: o periodismo exercido por afrodescendentes nos jornais diversos desde o século XIX (a chamada *Imprensa Negra*); os coletivos de escritores; como o *Quilombhoje*; as séries literárias, como os *Cadernos Negros*, já em sua 36ª edição; a atuação das editoras especializadas, como *Selo Negro/Summus*, *Mazza* e *Nandyala*; e as edições dos próprios autores. Todos estes foram iniciativas determinantes tanto para a gestação de intelectuais e romancistas negros, quanto para o surgimento de textos diversos pelo segmento étnico em questão.

Estas redes de edição irão subverter a ordem no campo editorial estabelecido, que não cediam espaço aos textos de marcas identitárias negras, pois estes não atendiam às necessidades e interesses de tradição ocidental etnocêntrica e hegemônica. Ao ceder espaço aos autores negros, as redes editorias formam um novo segmento de escritores, leitores e obras, contribuindo para a construção da identidade de um povo, compondo outra face para a literatura nacional. Todos esses exemplos configuram o resultado da atividade de grupos que optam por modificar o sistema brasileiro de produção cultural. Suas produções reivindicam a inscrição de suas vozes, experiências e ancestralidade no espaço que também os pertence, apesar da tradição de preconceitos e dificuldades impostas a eles.

O conteúdo presente nestas redes editoriais aborda a luta contra a dura realidade de injustiças sociais, rompendo contra o lugar comum estabelecido pela cultura dominante ao negro até então. Tratar das questões sociais dos afrobrasileiros é, nesta medida, missão e função dessas organizações editoriais. Elas irão reivindicar direitos, valorizar a cultura negra, buscar a educação dessa população, ressignificar imagens, combater estereótipos e divulgar os heróis negros de nossa história. Consequentemente, procuram desenvolver uma espécie de “gostar-se negro”.

As redes editoriais negras, acreditamos, irão oferecer, muitas vezes, o primeiro contato de negros com poesias, textos e histórias de temática negra, ao colocar em circulação essas produções em jornais ou livros. A *Frente Negra Brasileira*, por exemplo, ao buscar a educação para essa parcela da população tão prejudicada, ajudou na conscientização maior do negro como pessoa de valor e com potencial para ser o que almejasse. O coletivo de escritores *Cadernos Negros* representa a luta para a superação das desigualdades raciais, em um percurso de vinte sete anos de produção coletiva de autores afro-brasileiros. E, as editoras especializadas que alteram a ordem do mercado e dão espaço para que autores negros representem seu povo e mostrem seu valor, além das edições dos próprios autores, foram e são de grande importância para a representatividade do negro na sociedade brasileira. A intectualidade negra cresceu à medida que as publicações aumentavam e alcançavam mais esse grupo, mostrando e dando oportunidade para o negro acreditar em si. Nasce, com a produção literária negra, a esperança dessa população.

Vamos, portanto, analisar o papel de algumas dessas redes.

**2. A imprensa negra**

A *imprensa negra* caracterizou-se por ser um órgão jornalístico organizado por negros, que se posicionou frente à sociedade dominante, para dedicar-se a esta população, a partir do século XX, período ulterior à abolição da escravatura no Brasil.

Nesse momento, após três décadas de liberdade, a comunidade consegue articular-se socialmente para buscar espaço, reivindicar direitos e apresentar ideias. Segundo Roger Bastide (1973), os jornais publicados procuravam, primeiramente, agrupar os homens de cor, dar-lhes senso de solidariedade, encaminhá-los, educá-los a lutar contra o complexo de inferioridade, superestimando seus valores, além de exaltarem a importância de seus eventos e agremiações sociais.

Os jornais, que constituem a *imprensa negra*, surgiram porque os negros, que não tinham sua própria imprensa, queriam comunicar suas reivindicações, o que os outros jornais não aceitavam. Evidencia-se, então, que o negro não era tratado em pé de igualdade com o branco.

Em geral, grande parte dos jornais tinha vida curta ou periodicidade inconstante, por serem mantidos pelos escassos recursos dos grupos negros, identificando, assim, a também instabilidade sócio-econômica desses grupos. Grupos que representavam uma contribuição significativa pelos interesses nos problemas dos negros empobrecidos.

Tais problemas se caracterizavam, principalmente, pela existência do preconceito e a situação miserável da raça, que está em grande parte ligada à cor de pele. O preconceito de cor era notado na vida profissional, no ambiente escolar, na rua, nos ambientes de lazer etc. E mesmo que, às vezes, sem forma evidente, “o fato é que o preto, com ou sem razão, sente que sua ascensão na escala social é perturbada pela existência de tal preconceito” (BASTIDE, 1973, p.137).

Essas situações desenvolveram no negro um complexo de inferioridade e o objetivo da imprensa era dar ao preto confiança em si mesmo, fazer desaparecer esse sentimento de inferioridade. Por isso houve, então, a valorização de tudo o que é negro e a valorização fundamental da educação do negro.

A presença, nos jornais, de artigos históricos, biografias de grandes homens, seção literária, tem grande importância, como afirma Bastide, atingiram o objetivo de mostrar à cena pública a inteligência do negro brasileiro. A abundância de poemas, contos, crônicas, foi capaz de fazer nascer no leitor um clima de otimismo para as futuras possibilidades da raça. As páginas de protestos fizeram-se páginas de esperança de uma raça.

Como exemplos da atuação desses jornais, optamos por analisar brevemente alguns deles.

**2.1. O Menelick**

Em 1915, em plena primeira guerra mundial, fundado pelo poeta negro Deocleciano Nascimento, surge o primeiro jornal negro: *O Menelick*. O título se deve ao fato da Etiópia ter sido o primeiro país independente da África e Menelick um de seus imperadores, além do fato de que no Brasil, principalmente em São Paulo, os italianos apelidaram os negros de “menelick”.

O jornal teve grande repercussão em São Paulo. Era um “órgão noticioso, literário e crítico dedicado aos homens de cor”, como se apresentava. Como podemos notar, na edição de 1º de janeiro de 1916 (anexo1), há a presença da carta ao leitor, um conto e uma poesia.

O conto, de tema “Episódio da Revolta da Ilha de São Domingos” e autoria de Marcus Primus, relata a revolta de São Domingos ou Revolução Haitiana, que contribuiu para a independência do Haiti, proclamada em 1804. Influenciada pela Revolução Francesa, essa independência aconteceu em um período de conflito brutal na colônia de Saint-Domingue, levando à eliminação da escravidão, por isso foi uma revolta de escravos bem-sucedida. O leitor, então, toma conhecimento de um momento histórico, com a ajuda do jornal, que mostra que a construção de movimentos de libertação e poder são possíveis, já que o passado ajuda a compreensão e construção do futuro.

O conto também mostra ao leitor um contexto parecido com aquele vivido por ele, por ter características sociais e políticas de desigualdade. E a luta contra esse preconceito racial é avivada pelo pensamento da possível superação por parte do negro.

*O Menelick* estreia a imprensa negra, trazendo à tona as desigualdades raciais existentes, informando e dialogando com a população através de denúncias sobre a discriminação. Seja ela vinda por meio de um conto ou uma notícia.

**2.2. O alfinete**

*O Alfinete* foi editado pela primeira vez em 1918 e perdurou até 1921. Era um espaço aberto para a expressão de ideias da comunidade, com objetivos de estabelecer um certo padrão para o comportamento dos negros. “Alfinetando” de diferentes formas, exercia controle social através do mexerico e das críticas. Configurando uma característica comum em grande parte dos jornais da imprensa negra, a prescrição de condutas e o incentivo a determinadas ações sempre estavam presentes em *O Alfinete*. Como por exemplo:

Carta sem cor

Devemos nos preocupar menos com o passado da raça, tratando agora de educa-la, preparando-a para as formidaveis lutas de amanhã. O passado foi horrivel e o presente pessimo; que devemos esperar do futuro? Tudo, se tivermos o livro por escopo; nada se continuarmos o culto das tabernas! (In O Alfinete, 1921, p. 2-3).

O arquivo da edição de 8 de Maio de 1915 (anexo 2), de São Paulo, mostra a presença de motivações literárias. A coluna “Arquivo do Alfinete” sugere que os títulos são textos recolhidos nos grupos negros para futura publicação no próprio jornal, configurando assim um arquivo literário de autores que anteriormente não tinham essa ajuda e motivação.

E, logo em seguida, a presença de um conto, com temática melancólica, mas com uma escrita admirável. É a página de *O Alfinete* mostrando valorizar a escrita negra.

**2.3. Clarim da Alvorada**

O *Clarim da Alvorada* surgiu em janeiro de 1924, mas circulou até abril do mesmo ano com o nome *O Clarim*. Fundado pelos jovens militantes Jayme de Aguiar e José Correia Leite, era editado na cidade de são Paulo, mas também teve circulação em outras cidades do interior e outros estados, como por exemplo: Botucatu, Sorocaba, Rio de Janeiro e Bahia.

O *Clarim da Alvorada* faz parte de uma nova fase da imprensa negra, pois naquele momento a imprensa passou a contar com jornais estáveis e com uma tiragem maior do anteriormente. O *Clarim* procurava trazer notícias e opiniões de negros intelectualizados que problematizavam o papel do negro, relacionando-o na construção da nação brasileira. Além de falar sobre a educação e a necessidade de uma sociedade beneficente para negros. Como por exemplo:

Dentre taes promessas que os senhores leitores tiveram a opportunidade de ler, em nossos números passados, é que sempre temos preoccupado proclamar que necessitamos formar sociedades beneficentes, educativas para que, não vivamos por mais tempo em completo atrazo, como até presentemente. Tudo isso por causa do nosso desleixo... Portanto, quanto antes devemos pensar que não temos sociedades que tratem dos nossos interesses, que é de crenças uma verdadeira união. (In *O Clarim da Alvorada*, 22 de junho de 1924)

Em muitos artigos do jornal, a educação é valorizada e tida como o caminho para a ascensão social dos negros, comumente eram invocados os exemplos de Luiz Gama, José do Patrocínio, Cruz e Souza, dentre outros, como símbolo da importância da educação.

**2.4. A voz da raça**

Fundado em 1933, circulando até 1937, porta voz da *Frente Negra Brasileira*, *A voz da raça* é apontado pela historiografia como um dos jornais mais importantes e significativos no meio negro, por sua organização, estrutura, prestígio político-social e longevidade.

Alex Benjamim de Lima afirma que, ao longo de sua existência, *A voz da raça* se esforçava em divulgar e arregimentar a coletividade negra em prol da inclusão por meio da valorização étnica, além de um nacionalismo que perpassara questões como a história e memória do negro como protagonista.

A entidade *Frente Negra* editava o *A voz da raça*, um jornal com lema “Deus, pátria, raça e família” e o jornal era considerado o porta voz da Frente. Diante disso, analisaremos brevemente o papel desta entidade como rede editorial. A *Frente Negra Brasileira*, considerada a maior e mais importante entidade negra após a abolição da escravatura, surgiu em 1931 sob a presidência de Arlindo Veiga do Santos. Como uma associação recreativa e beneficente, exercia atividades na esfera política. Em um cenário onde também florescia a imprensa negra, a FNB tinha como princípio a missão de resguardar a integridade do cidadão negro brasileiro.

Além das discussões políticas em suas reuniões, ela vislumbrava, na educação, a solução para os problemas da “gente de cor” na sociedade brasileira. Concebia a educação como a maneira para o negro ganhar respeitabilidade e reconhecimento, habitá-lo para a vida profissional, conscientizar-lhe melhor dos seus problemas e combater o preconceito.

Surgiram filiais em alguns estados do Brasil, não significando, porém, maior centralização institucional. A ideia da Frente era transformar São Paulo em pólo de disseminação de um projeto político e social que tinha como finalidade ser rigorosamente brasileiro. A conscientização, proposta, do que era raça e do que era raça brasileira, caracterizava uma aproximação com a maneira de o regime nazista alemão louvar seus arianos.

À medida que a FNB adquiria maior representatividade no cenário nacional, surgiu a ideia de se transformar em partido político, conseguindo em 1936, depois de um longo processo de pressão política. Mas, em 1937, o Estado Novo de Getúlio Vargas, cessou a legalidade dos partidos políticos.

Em quase todas as edições, encontrava-se alusão ao quadro de carência educacional da população negra e a necessidade de ela instruir-se: “negros, negros, ide para a escola, aprender, aperfeiçoar no manejo das letras alfabéticas para que possais, amanhã, tirar o melhor partido delas, para a glória do Brasil e de vossa raça oprimida” (In *A voz da raça*, 3 fev. 1934, p. 4).

**3.1. Campanhas de alfabetização promovidas pela FNB**

O departamento de Instrução, também chamado de *Departamento de Cultura ou Intelectual*, foi o maior e mais importante departamento da FNB. Era responsável pela área educacional e conclamava: “eduquemos mais e mais os nossos filhos, dando-lhe uma educação e uma instrução de acordo com suas aspirações.” (In *A voz da raça*, 29 out. 1933, p. 2). O conceito de educação da entidade era amplo: compreendia tanto o ensino pedagógico formal quando a formação de cultura e moral do indivíduo. Já o conceito de instrução era mais específico: de alfabetização ou escolarização, de acordo com Petrônio Domingues.

Assim, a FNB criou várias escolas para a alfabetização de crianças, jovens e adultos, além de escolas primárias, de língua e de música. O curso de alfabetização funcionava na sede da entidade, era destinado a todos os negros (“menores” e “adultos”) associados ou não à entidade, no período noturno. Em 1934, passou a oferecer, também, o curso primário. Os professores eram tidos como“mestres sacerdócios amáveis”, “fiéis discípulos (...) a luz do saber” (In *A voz da raça*, 17 jun. 1933, p. 3).

De acordo com Petrônio Domingues,

as lideranças frentenegrinas valorizavam a prática da leitura. O livro e a biblioteca eram concebidos como valiosos instrumentos de elevação intelectual e cultural da “população de cor”.”. “Hoje, admiravelmente se vê desde o menino até o adulto receber o livro como um pão celestial” (A voz da raça, 8 jul. 1933, p. 2). “Para a vitória final da raça negra no Brasil, duas coisas são indispensáveis: o livro e a união (In *A voz da raça*, 17 jun. 1933, p.4).

A FNB também organizou uma biblioteca, por meio de doações dos associados. Lançaram campanha para a criação de uma biblioteca infantil, centro de estudos e, por fim, ventilaram criar um “Clube dos Intelectuais”, para reunir “estudiosos”, “poetas, jornalistas ou escritores” negros. Este clube, além de ser um espaço de intercâmbio social e cultural, almejaria garantir a publicação de um jornal literário e de livros dos intelectuais negros. (In *A voz da raça*, ago. 1937, p. 1).

**4. Cadernos negros**

A primeira edição dos *Cadernos Negros* foi lançada, em 1978, em um contexto de muitas mudanças no Brasil. O fim dos anos de chumbo, o fim da ditadura militar, com estabelecimento do Ato Institucional N-5 (AI-5) e em ano de eleição, os sindicatos e movimentos estudantis estavam em período de reconstrução ideológica e de luta política. Além disso, marcava noventa anos de assinatura da Lei Áurea.

O negro, nessa época, começava a entrar nas universidades, permitindo, assim, o maior contato com a produção cultural: cinema, literatura, teatro – o que sua geração anterior tinha com mais dificuldade.

Com esse momento de engajamento político e envolvimento com bens culturais, nasceu a necessidade de auto-reconhecimento, do encontro com as raízes, de busca de identidade. Entretanto, esses jovens universitários eram exceções, pois a grande maioria da juventude negra ainda não tinha acesso aos bens culturais.

O jovem negro que entrava nas universidades e não encontrava ali representantes de seu povo na literatura, na sociologia, nos estudos históricos, se pergunta o porquê dessa realidade. O senso comum, até então, era de que o negro não produzia literatura e conhecimento. Apesar de existirem exemplos dessa produção literária, como Solana Trindade, Abadias Nascimento, Lino Guedes, entre outros, isso não era o bastante. O negro queria estar além da presença como temática, ele ansiava por ser agente da construção de sua trajetória na literatura. Havia a necessidade de ser a própria voz e ser voz daqueles que não tinham voz.

Os estudantes que queriam fazer sua própria literatura encontraram, no caminho, opositores. Pessoas que afirmavam que não havia preconceito no Brasil. E, mesmo dentro do movimento negro, havia quem dissesse que literatura era coisa de burguês. Mas, mesmo em meio a tanta oposição, Cuti, Hugo e seus companheiros seguiram em frente, para que o negro se representasse e para que o branco fosse visto de outro ponto de vista.

Nasceu então, *Cadernos Negros*, em meio a necessidade de auto-retratação e efervescência político-cultural. A ideia de *Cadernos* era exatamente para a produção literária feita por negros, para reproduzirem seu cotidiano, suas dores, amores, ideais; para que pudessem experimentar estilos e formas de literatura.

O nome *Cadernos Negros*, surgiu pelo fato de que Carolina Maria de Jesus, que tinha morrido em 1977, escrevia em cadernos. Cadernos representavam força para eles, que também escreviam em cadernos. Então, a antologia de poesias feita por afro-descendentes chamou-se *Cadernos Negros*. A primeira publicação contou com a participação de Celinha, Oswaldo de Camargo, Eduardo de Oliveira, entre outros. O lançamento do primeiro número dos *Cadernos* aconteceu no Festival Comunitário Negro Zumbi, em Araraquara, com a presença de duas mil pessoas naquele ano de 1978. Mas houve também, o lançamento voltado pra um publico de caráter unicamente literário, com 50 pessoas, em um ambiente frequentado pela elite cultural.

Apesar da afinidade ideológica de Cuti e Hugo, houve o momento de trilharem caminhos diferentes. Hugo era visto por alguns membros do grupo como panfletário, por não desagregar a literatura da política, por seu desejo que os *Cadernos* alcançassem o público não-formado apenas por universitários e que os textos publicados não fossem somente de autores já conhecidos.

Os autores dos *Cadernos* se reuniam para discutir os próprios textos, que seriam publicados, e textos de outros autores, discutindo, assim, literatura. Esse grupo de discussão era formado por Cuti, Oswaldo de Andrade, Abelardo Rodrigues e Paulo Colina. Desses encontros nasceu o nome *Quilombhoje*, para o grupo que discutia o papel do negro na literatura brasileira. O *Quilombhoje* tinha atividades separadas dos *Cadernos*, mas mantinham relação estreita, pois os autores escreviam para os *Cadernos* e discutiam suas produções no grupo. Novatos do grupo que foram surgindo, começaram a ajudar Cuti nos *Cadernos Negros*. Divulgavam mais os *Cadernos* e tornaram-no mais popular, juntamente com o *Quilombhoje*. Com o passar do tempo e com algumas divergências, o *Quilombhoje* iniciou em 1983 uma nova formação.

Um tempo depois, cada membro do grupo teve a oportunidade de publicar seu livro individual, feitos de forma cooperativa, sem patrocínio. Postura que perdura até os dias de hoje.

A série *Cadernos Negros* representa a possibilidade de autores afrodescendentes publicarem seus textos, de forma econômica e organizada por pessoas de interesse em comum, superando limites existentes no mercado editorial e inspirando novas gerações de leitores e escritores no Brasil. A importância histórica e social que ele tem na literatura afro-brasileira se dá pele pela força dos negros na literatura brasileira que revelou e revela. Através do *Quilomhoje* e dos *Cadernos Negros*, mulheres e homens têm perpetuado a cultura e a raiz afro-brasileira. Exercendo papel de resistência, arma de luta.

**Palavras finais**

Neste momento da pesquisa, ainda nos falta analisar o papel das editoras especializadas, como *Selo Negro*, *Mazza* e *Nandyala*. Falta-nos também analisar o impacto das publicações dos próprios autores para a configuração das redes editorias negras. Porém, provisoriamente, podemos concluir que as redes de edição, se pensadas enquanto articulações no tempo e espaço, contribuíram para a alteração do cenário editorial brasileiro. Ainda que de maneira tímida, mesmo após a Lei 10.639 encontramos maior quantidade de textos escritos por afro-brasileiros. É preciso fortalecer estas redes editoriais por meio não só da ampliação do público leitor, mas também por meio de políticas públicas setoriais no âmbito da diversidade cultural.

**Referências bibliográficas**

BASTIDE, Roger. **Estudos afro-brasileiros**. São Paulo: Perspectiva, 1973.

CANDIDO, Antonio. **Formação da literatura brasileira: momentos decisivos**. São Paulo: Martins, 1959.

PROENÇA FILHO, Domício. “**A trajetória do negro na literatura brasileira: de objeto a sujeito**” In Estudos Avançados. n. 50. vol. 18. p. 161-193. 2004

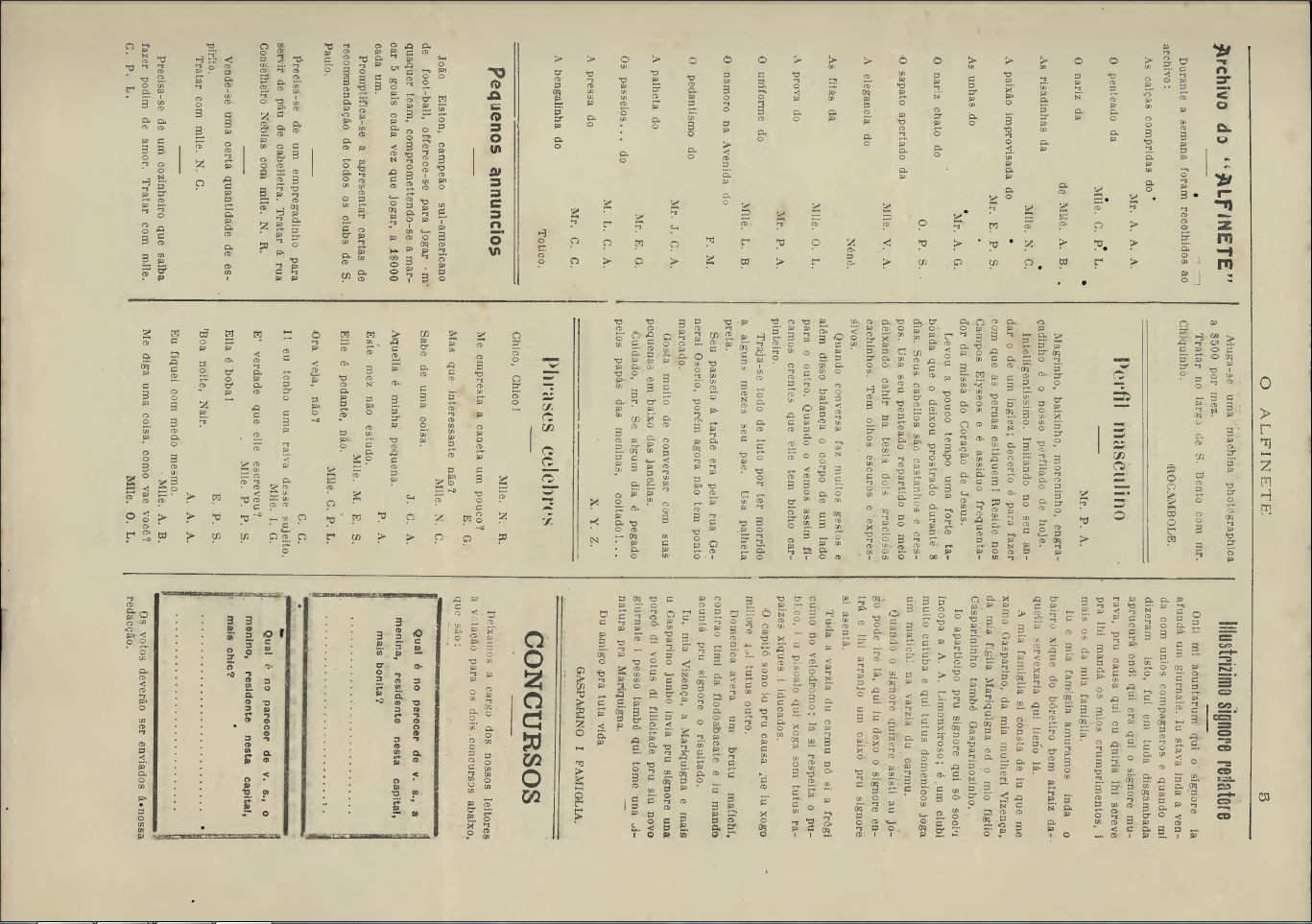
DOMINGUES, Petrônio. **Um "templo de luz": Frente Negra Brasileira (1931-1937) e a questão da educação***.* (Artigo) Universidade Federal de Sergipe, Departamento de História. Sergipe, 2008.

DOMINGUES, Petrônio. **A nova abolição***.* São Paulo: Selo Negro, 2008.

Citações dos jornais da imprensa negra retirados do site do Arquivo Público de São Paulo. [**http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/jornais\_revistas**](http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/jornais_revistas)**.** Acesso em 10 de setembro de 2014.

Anexo 1 

Anexo 2



1. Ana Cláudia Muniz Soares Valério é graduanda em Letras - Tecnologias de edição - pelo CEFET-MG e graduanda em Fotografia - Tecnólogo pela FUMEC-MG. Participa do PIBIC no CEFET-MG. [↑](#footnote-ref-2)
2. Luiz Henrique Silva de Oliveira é doutor em Teoria da Literatura e Literatura Comparada pela UFMG (2013), onde também realiza pós-doutoramento. É Professor do CEFET-MG. Autor de *Poéticas negras* (2010) e *Negrismo* (2014). [↑](#footnote-ref-3)